



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

LUGAR E LUGARIDADE DO FOLGUEDO CACUMBI DO MESTRE DECA – LARANEIRAS/SE

LUAN LACERDA RAMOS

CÉSAR AUGUSTO FRANÇA RIBEIRO

ROSEANE CRISTINA SANTOS GOMES

EIXO: 23. PESQUISA FORA DO CONTEXTO EDUCACIONAL

Resumo: No presente trabalho objetiva-se apreender a lugaridade que se constitui pelo desdobramento da totalidade do lugar, advindo do senso de pertencimento dos dançantes do folguedo Cacumbi no município de Laranjeiras/SE. Deste modo, buscar-se-á refletir sobre esta condição pela análise dos rituais de celebração em louvor aos Santos Pretos (Nossa Senhora do Rosário e São Benedito), cujas cerimônias ocorrem na igreja Nossa Senhora do Rosário, localizada na sede do município. A base teórico-conceitual da pesquisa está substanciada na geografia de vertente humanista. O método utilizado na condução da pesquisa pautou-se na fenomenologia defendida por Merleau-Ponty. Já os instrumentais foram roteiros de observações semiestruturadas, entrevista semiestruturada e registros e levantamento fotográficos. Como resultado preliminar, sinalizamos que o Cacumbi possui uma relação topofilica com a Igreja Nossa Senhora do Rosário e com o município em questão.

Palavras-chaves: Cacumbi; Lugaridade; Pertencimento.

Abstract: The objective of this research was to understand the placeness, which is part of totality of place, which comes from the sense of belonging of members of Cacumbi from Laranjeiras/SE. Thus, we seek reflect on this condition by analyzing the celebration rituals in honor of the Santos Pretos, whose ceremonies take place in the church Nossa Senhora do Rosário located in the center of the county. The theoretical and conceptual basis of the research is based on the humanistic aspect of geography. The key method used in the study was guided by phenomenology advocated

by Merleau -Ponty (2004) and the instruments used were applying observation script in the field, semistructured interviews and photographic records. As a preliminary result, signaled that Cacumbi has a topofilical relation with the Church of Our Lady of the Rosary and the municipality in question.

Key-words: Cacumbi; Placeness; Sense of belong.

INTRODUÇÃO

O senso de pertencimento é aquele que abre precedentes para que os sujeitos de um determinado local se identifiquem com a área ou região em que se encontram estabelecidos (TUAN, 2013). Este sentimento só é passível de existência, como o veremos, por intermédio da familiaridade. É neste sentido que se pretende abordar, a partir deste senso, a constituição na noção de lugaridade sob a perspectiva dos sujeitos dançantes do grupo folclórico Cacumbi do Mestre Deca em Laranjeiras/SE.

No primeiro tópico, serão abordadas as noções próprias de lugar e lugaridade, buscando tecer uma breve discussão entre os autores aqui elencados na tentativa de, posteriormente, relacionar a teoria apreendida com a prática observada pela vivência dos sujeitos pertencentes ao folguedo Cacumbi. Para tal, elegeu-se como autores referenciais Tuan (2013), Holzer (1997, 1998 e 2013) e Relph (1976).

No segundo momento, buscar-se-á apresentar o folguedo Cacumbi de Laranjeiras/SE uma vez que a percepção destes constitui-se como nosso foco de reflexão. Neste intuito, um resgate parcial da história do folguedo se faz necessária. É com este propósito que utilizaremos Silva (2013) e Nogueira (2013) como autores chave para conduzirem a discussão aqui pretendida.

Por fim, o último tópico é aquele em que se pretenderá demonstrar o resultado final alcançado com o desenvolvimento desta pesquisa. Será demonstrado como as práticas festivas e ritualísticas laranjeirense levam o Cacumbi a se identificarem com o município em questão por vias da identidade e familiaridade com o mesmo, focando, contudo, na maneira com a qual os sujeitos do folguedo se relacionam com a Igreja Nossa Senhora do Rosário, partindo-se da análise do ritual de louvor aos Santos Pretos São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Na sequência, uma breve conclusão resumirá o exposto ao longo do trabalho elencando o posicionamento dos pesquisadores em relação ao tema.

À devida concretização deste trabalho, foram metodologicamente utilizadas diversas técnicas de pesquisa com o propósito de melhor obter os resultados que serão expostos e analisados. Utilizou-se de revisão bibliográfica; aplicação de entrevistas semiestruturadas com parte dos

integrantes do folgado; registro e levantamento fotográficos, coleta de relatos informais e observação semiestruturada, além da técnica de análise de conteúdo no que tange a compreender a revisão bibliográfica.

LUGAR E LUGARIDADE: UMA BREVE DEFINIÇÃO

[...] por esta simples razão: amava a vida. Nos olhos dos passantes, na sua pressa, no seu andar, na sua demora; no burburinho e vozeria; carros, autos, ônibus, caminhões, homens-sanduíches bamboleantes e tardos; charangas; realejos; na glória e no rumor e no estranho aerocanto de algum avião sobre a sua cabeça, estava isso que ela amava: a vida, Londres; aquele momento de junho (WOLLF, 2015. p. 10).

Estas são palavras que, já no início de sua obra, Virginia Woolf (2015) se preocupa em demonstrar o quanto Mrs. Dalloway amava e era apegada a cidade de Londres. Apesar de literária, esta obra encerra em suas entrelinhas um dilema real, posto que a própria autora, ao descrever as emoções e sentimentos de sua personagem, descreve a si mesma. O fim trágico de Virginia Woolf esteve, em partes, associado à mudança de ambiente em decorrência da doença que lhe afligia. O fato de ter se mudado da cidade para o campo levou a célebre escritora a cometer suicídio. Mas o que há de relação entre este início de conversa com a conceituação da categoria lugar que se quer trabalhar neste artigo?

Yu-fi Tuan (1983) considera que os sentidos (tato, olfato, visão, audição e paladar) nos permitem experienciar o mundo de diversas maneiras. Deste modo, cada ser em si, carrega uma bagagem e um modo de enxergar o ambiente a sua volta de maneira diferenciada em relação aos demais. Em outras palavras, o *perceber* do mundo é peculiar a cada indivíduo, posto que cada qual apreende a realidade a seu próprio modo considerando seu histórico de vida e experiências adquiridas, por elas o sujeito constrói a realidade em que vive. É deste modo que a categoria *lugar* ganha corpo numa perspectiva da geografia humana e cultural, pois essa, segundo Tuan (1983), se constitui com o senso de pertencimento e apego ao ambiente em que o indivíduo encontra-se inserido. Este apego advém, justamente, da apreensão do real intrinsecamente associada à percepção mediada pelos sentidos.

Desta forma, Tuan (1983) parte do pressuposto de que o *lugar* afigura-se como derivação do *espaço*, compreendendo por espaço a dimensão do humano que dá sentido e significado ao meio que o cerca construindo-o conforme sua percepção. Destarte, corroboramos com Dardel (2011, p. 2) quando este afirma que “O espaço geográfico tem um horizonte, um modelado, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste”, pois desta “forma” o espaço

pode ser percebido em diversas facetas do mesmo prisma; depende do perceber; depende do compreender.

Neste tocante, o sujeito que percebe e compreende o espaço de maneira íntima, enquanto institua-o lugar e este nasce a partir do momento em que o sujeito – individual ou coletivo Durkheim (2009) – familiariza-se com uma parcela ímpar do espaço, ou seja, “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p. 83). Portanto, a linha tênue que estabelece os limites do espaço com o lugar é a maneira com que os sujeitos lidam e se relacionam com o espaço sem deixar de considerar sua afinidade com o mesmo. Por este motivo, infere-se que o lugar é também espaço, e o primeiro só é passível de existência pelo desdobramento do segundo.

Entretanto, o lugar para existir precisa ser construído. Como e quem o constrói?

Parte dessa pergunta já foi respondida quando invocamos a existência dos *sujeitos* que podem ser eles individuais ou coletivos e, portanto, o homem; essa seria a resposta a ser dada para a segunda parte de nossa pergunta (*o quem*). À primeira, caberia a importância de se destacar as relações do *cotidiano*. No exemplo literário dado inicialmente, verifica-se que o motivo que leva a Mrs. Dalloway a se apaixonar pelo ambiente urbano consiste do movimento próprio do cotidiano. São as pessoas, os automóveis, os aviões que motivam a personagem – e a autora do livro – a transformarem aquele espaço em seu lugar por intermédio da familiaridade.

Tais relações do cotidiano desdobram-se enquanto lugaridades. Estas lugaridades são representadas com aquilo que dá vínculo entre o sujeito e o lugar. Desta forma, destaca-se Holzer (2013) quando este define lugaridade como aquilo que “expressa exatamente essa relação dialógica dos seres em movimento com lugares e caminhos que, como pausa, como convivência íntima, arrumam e delimitam os espaços” (HOLZER, 2013, p. 24).

Afim de um maior aprofundamento teórico no que tange ao conceito em questão, cabe ressaltar a dualidade antagônica proposta por Relph (1976) referente a lugaridade (*sense of place*^[1]) e sem-lugaridade (*placelessness*^[2]). Entre ambos, o elemento relacional que se encontra entre o sujeito e o lugar, corresponde ao foco da disparidade entre os conceitos mencionados. Desta maneira, se por um lado a lugaridade, ratifica-se, é aquilo que dá vínculo no espaço o tornando lugar, a sem-lugaridade é definida como “*the casual eradication of distinctive places and the making of standardized landscapes that results from an insensitivity to the significance of place*” (RELPH 1976, Prefácio).

Tais termos, foram supra analisados afim de apontarmos outros caminhos possíveis para a análise do lugar, enfatizando, desta maneira que nem todo espaço corresponde a lugar.

Dando continuidade ao pensamento do professor Werther Holzer, cabe ressaltar que o mesmo teceu uma série de considerações a respeito da categoria *lugar*. No entanto, neste artigo optou-se em destacar as três subcategorias que compõem a categoria lugar na visão do autor. Sendo elas a historicidade, identidade e estabilidade.

A primeira chave é colocada no sentido de que à real transformação do espaço em lugar pela via da familiaridade é necessário que o sujeito construa uma história com aquela parcela do espaço. É ao longo do tempo que os sujeitos vão se familiarizando com o espaço e constituindo laços em relação ao mesmo. Holzer destaca que a história aqui elencada possui movimento e está estruturada por intermédio da relação entre o *eu* e o *outro* (TUAN, *apud.* HOLZER, 1998).

A segunda chave refere-se à identidade. Uma vez que o sujeito se familiariza com o espaço, a experiência vivenciada naquele lugar se imbrica de intencionalidades intersubjetivas que passarão a lhe dar sentido, possibilitando ao sujeito a constituição de um conhecimento detalhado sobre aquele ambiente. Uma vez que este conhecimento se consolida, então o sujeito passará a agir por intermédio de uma postura que lhe é singular, atribuindo identidade ao lugar (HOLZER, 1998).

Por último, mas não desassociado dos demais, temos a chave da estabilidade. Há uma célebre frase de Tuan que considerara que "o lugar é a pausa no movimento" (TUAN, p. 153, 1983). Nesta colocação, o autor quer se referir ao fato de que o espaço, além das outras considerações que foram aqui tecidas, só é passível de se tornar lugar quando este apresenta características estáveis ante a percepção dos sujeitos. Um espaço que sofre constantes processos de mudanças pode até ser tomado como lugar, mas não se afigura como tal. Nas palavras de Tuan

Uma cena pode ser um lugar, mas a cena em si não é um lugar. Falta-lhe estabilidade: é da natureza da cena mudar a cada mudança de perspectiva. A cena é definida por esta perspectiva, o que não é verdadeiro para o lugar: é de natureza do lugar aparecer como tendo uma existência estável, independente de quem o percebe (TUAN, *apud.* HOLZER, 1998, p. 78).

Feitas as devidas considerações a respeito do lugar e da lugaridade, resta-nos partir ao próximo tópico que buscará realçar a ligação entre as definições aqui abordadas com a prática vivida do grupo folclórico Cacumbi do município de Laranjeiras em Sergipe.

OS CACUMBIS E O CACUMBI DO MESTRE DECA

O grupo folclórico Cacumbi possui uma história antiga que em muito se perdeu ao longo do tempo. As experiências do folguedo foram transmitidas, desde suas origens até o momento atual, por vias da oralidade preponderantemente. Pelas leituras realizadas, Nogueira (2013) e Silva (2013),

constatou-se a existência de diversas localidades em que o Cacumbi se manifesta. No entanto, em cada uma dessas localidades, o folguedo apresenta peculiaridades que lhes são próprias. Distingue-se as vestimentas, danças e maneiras de lidar com o lugar a qual pertencem, deste modo, pode-se falar da existência dos *Cacumbis*, no plural, uma vez que se respeite as singularidades do folguedo em detrimento de suas respectivas regiões de manifestação. Na presente pesquisa, o recorte feito para fins de observação e análise é pertinente ao folguedo manifesto no município de Laranjeiras no estado de Sergipe.

Pelo uso das técnicas de observação em campo, entrevistas semiestruturadas, coleta de relatos informais, assim como análise de conteúdo compreendendo revisão bibliográfica (CHIZZOTTI, 2010), constatou-se que o folguedo laranjeirense é composto por 34 brincantes do sexo masculino, sendo eles 17 do grupo adulto e 17 do grupo mirim. Os instrumentos utilizados nas manifestações do folguedo são pandeiro, ganzá, reco-reco, caixa e cúca. Os graus na hierarquia do Cacumbi são representados por três figuras, sendo elas os brincantes, contramestre e mestre. O líder atual dos brincantes é o Mestre Deca que há mais ou menos 30 anos é referência principal no folguedo, mas por motivos de saúde, atualmente não participa ativamente do grupo.

Retomando a história do Cacumbi, podemos colocar que há, entre os diversos grupos, algumas considerações homogêneas aos mesmos. A princípio, foi observado que os santos louvados nos rituais e cerimoniais dos folguedos são os mesmos, a saber: Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, conhecidos também como os *Santos Pretos*, posto que estes ícones religiosos representam toda uma classe advinda dos escravos libertos com a abolição Silva (2013). A origem do grupo remonta a junção de outros grupos folclóricos tais como o Reisado, Congadas, Guerreiros e Ticumbi, que já no final do século XIX, passa a existir em algumas localidades ao longo do território brasileiro.

É destaque também, o fato de que mesmo com a abolição, o que se consolidou foi a libertação de um povo por vias da ótica do liberalismo econômico que consiste em dar liberdade de iniciativa econômica aos homens Smith (2013) em detrimento de uma libertação construída sob a ótica do liberalismo político que incide sobre a liberdade de participação e atuação política, social e cultural dos homens livres. Em outras palavras, mesmo com a abolição, os ex-escravos do período e posterior a ele, viram-se livres para iniciar um novo projeto de vida no que diz respeito à constituição de uma sociedade em que os homens pudessem agir livremente em nome do capital, porém haviam supressão cultural embutida neste projeto. Silva (2013) coloca que de uma forma ou de outra, Estado e igreja se uniram com o propósito de silenciar a voz de grupos folclóricos tradicionais por intermédio de aprovação de leis e pronunciamento de discursos que contrários a existência destes folguedos. O mesmo foi observado em relação ao Cacumbi.

Deste modo, a consolidação da tradição histórica dos Cacumbis ao longo do território nacional deu-se por um processo de luta em busca de reconhecimento por parte destes folguedos. Uma das questões que mais abalaram as práticas dos dançantes se relaciona à questão da negação, por parte da igreja em determinados períodos, da prestação de cultos aos santos pretos no interior das igrejas em que ocorriam as cerimônias, celebração e louvor (SILVA, 2013). Em Laranjeiras, as dificuldades apresentadas pelo folguedo nos dias atuais, são de outra ordem, pois a questão do conflito Igreja/Cacumbi foi superada ao longo do tempo. As dificuldades observadas e apontadas pelos dançantes em tempos presentes são de ordem da perda de interesse por pessoas de fora do folguedo em quererem participar e se integrar ao mesmo. Esta constatação é feita pela análise de entrevista semiestruturada aplicada aos sujeitos dançantes. De certo modo, essa questão também foi apontada por Silva (2013) quando este trata de abordar a questão de que, na medida em que o mundo se moderniza cada vez mais, há perda de interesse pelas pessoas, em geral, de reconhecerem os diversos grupos tradicionais existentes. Esta colocação foi apontada por um de nossos entrevistados, quando este aponta o fato de que muitos se desinteressam em participar do Cacumbi alegando que não ganham nada com a participação no grupo, conforme relato que segue: “fazer cultura popular hoje é muito difícil” (AC, 2016).

No entanto, vimos que a perpetuação da tradição do folguedo se faz pela existência de um “subgrupo” composto por crianças e adolescentes conhecidos como Cacumbi Mirim. A grande maioria dos integrantes deste desdobramento são familiares (filhos e sobrinhos) dos sujeitos dançantes do Cacumbi Adulto, o que evidencia a preocupação em se manter e proliferar a história, bem como a identidade do folguedo laranjeirense.

Quando questionados a respeito do que o Cacumbi de Mestre Deca quer evidenciar com sua dança, a resposta obtida é condizente com a tentativa de representar e resgatar a memória de Lampião e seus cangaceiros. De fato, as vestimentas utilizadas pelos brincantes, hoje, nos remetem a pensar nessa colocação, sendo que as mesmas se alteraram com o passar dos anos. Durante as entrevistas, foi constatado que no princípio toda essa vestimenta era composta por material predominante de couro, mas devido ao peso e preço para se construir um uniforme para os dançantes, o material utilizado foi sendo modificado até chegar à configuração atual. Toda essa consideração a respeito das vestimentas nos levam a pensar nas colocações a respeito da identidade analisada por Holzer (1997), uma vez que os traços próprios do Cacumbi do Mestre Deca em Laranjeiras só foram passíveis de construção por intermédio da familiaridade com a igreja de Nossa Senhora do Rosário e com o município em questão, essa familiaridade nos remete a resgatar a noção de historicidade que foi apresentada no tópico *lugar e lugaridade*; identidade essa que irá dotar o folguedo de singularidades que se expressam nos modos de ser e fazer a cultura popular com suas próprias danças, gestos, símbolos e significados.

Quando considerada a questão da peculiaridade do folguedo laranjeirense, faz-se necessária a reflexão a respeito do sentido de lugar e lugaridade que os sujeitos dançantes do grupo constroem ante essa realidade.

O SENTIDO LUGAR E LUGARIDADE NO CACUMBI DO MESTRE DECA

Considerando o lugar como o senso de familiaridade que os homens estabelecem com o espaço, conforme Tuan (2013) e a lugaridade como aquilo que dá vínculo entre os sujeitos e os lugares como colocado por Holzer (2013), foi constatada a relação entre lugar, lugaridade e o Cacumbi do Mestre Deca em Laranjeiras, sendo que o principal símbolo que representa essa relação é visto na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Na pesquisa realizada com o Cacumbi do Mestre Deca, constatou-se que Laranjeiras representa o *lugar* do folguedo, uma vez que sua história e seus integrantes estão intimamente relacionados ao município, o que nos remete a resgatar o sentido de familiaridade abordado nos parágrafos precedentes. O vivenciar, no cotidiano, pelos sujeitos dançantes do Cacumbi no município de Laranjeiras possibilita a observação da tríade categorial que compõem o lugar no pensamento de Holzer (1997). Essa constatação é feita quando ouvimos os relatos de experiências dos componentes do folguedo e observamos a energia empenhada pelos mesmos diante das apresentações realizadas no ritual de celebração e louvor aos Santos Pretos Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Em uma das pesquisas de campo realizadas, foi observada a participação do Cacumbi laranjeirense na procissão dos Santos Reis e na Cerimônia de Coroação da Rainha das Taieiras, sendo ambas realizadas no dia 10 de janeiro de 2016. Nesta ocasião, foi aplicado o terceiro roteiro de observação que foi elaborado pelos pesquisadores no intuito de conhecer o folguedo nos rituais. Tanto a procissão quanto a cerimônia de coroação têm como principal símbolo religioso a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Esta igreja é de grande valor para o folguedo justamente por ser a instituição que acolhe as manifestações religiosas do Cacumbi e demais folguedos (a exemplo da Chegança, Taieiras e São Gonçalo da Mussuca) na prática de rituais religiosos. Vale lembrar que o Cacumbi se desdobra em manifestações de cunho profano e sagrado. O primeiro é realizado em ocasiões corriqueiras como festas e o segundo em ocasiões de manifestações religiosas. Antes da aplicação deste roteiro, outros dois foram elaborados com o intuito de caracterizar o município de Laranjeiras (roteiro de observação 1), uma vez que dele faz parte o folguedo e o segundo roteiro buscou enfatizar a presença dos folguedos laranjeirenses na festa realizada na ocasião do XLI Encontro Cultural de Laranjeiras, organizado pela Prefeitura Municipal de Laranjeiras em parceria com outras instituições a exemplo da Universidade Federal de Sergipe sendo representada pelo

Grupo de Pesquisa Sociedade & Cultura.

Deste modo, observa-se que toda a noção de lugaridade é construída pelos brincantes tendo como ponto central a igreja de Nossa Senhora do Rosário. É com ela que estes sujeitos estão familiarizados; entorno dela foi construída uma história e uma identidade que só foi possível por intermédio de uma relação estável entre os dançantes e a maneira de se perceber, vivenciar e experienciar o lugar que se constrói por intermédio do símbolo religioso manifesto na Igreja Nossa Senhora do Rosário. Esta igreja é lugar para o Cacumbi pois é nela que os dançantes se relacionam, no dia-a-dia, com sua cultura, seus afazeres, suas tradições.

Cabe ressaltar, em diálogo com Tuan (2013), Holzer (1997, 1998 e 2013) e Relph (1976), que a lugaridade, evidenciada pelo folguedo do Cacumbi laranjeirense é processo histórico e não pode ser demonstrado apenas com fatos atuais. Deste modo, cabe confirmar, que as relações íntimas entre os sujeitos brincantes do cacumbi e o seu lugar, tiveram início com o Mestre João de Pita, este que trouxe tal manifestação de Japarutuba e a transformou em uma dos grupos tradicionais mais importantes da localidade.

Posteriormente a Mestre João de Pita, o Cacumbi foi passado a Mestre Zezinho. Neste contexto houveram poucas modificações entre ambos os estilos de seus líderes. Apesar das dificuldades, principalmente financeiras, em manter o folguedo ativo, (fato que o fez ficar inativo por cerca de 3 anos) Mestre Zezinho em organização com sua família, principalmente os próprios filhos e a família do atual Mestre Deca, conseguiram reorganizar tal manifestação folclórica e esta voltou a fazer apresentações na cidade, primordialmente na Festa de Santos Reis.

Após a morte de Mestre Zezinho, Mestre Deca (antigo contramestre) assume a responsabilidade de liderança no grupo. Nesta coordenação, o Cacumbi deixou de ser uma simples brincadeira para assumir uma imagem da tradição folclórica laranjeirense. Cabe evidenciar que atualmente o grupo tem como líder o Mestre Testinha, entretanto de acordo com as entrevistas semiestruturadas, o grupo e o próprio Testinha não o legitimam enquanto Mestre, posto que o Mestre Deca ainda está vivo.

Deste modo, o que se percebe diante das observações efetuadas é o fato de que o município de Laranjeiras e a igreja de Nossa Senhora do Rosário se constitui como lugar e lugaridade a partir do momento em que nestes locais os sujeitos dançantes do folguedo atribuem sentidos e significados a tais objetos transformando estes espaços em produtos geradores de identidade simbiótica, onde folguedo e lugar influenciam na construção identitária de forma mútua, um para com o outro. O que se quer dizer é que Laranjeiras e Nossa Senhora do Rosário são os lugares do Cacumbi, mas o Cacumbi também representa a lugaridade presente em Nossa Senhora do Rosário e Laranjeiras.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Cortez, 2009

HOLZER, W. A discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. Território, Rio de Janeiro: LAGET/UERJ, v.3, jul. /dez.1997.

_____. Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

_____. Sobre Territórios e lugaridades. Cidades, Vol. 10, No 17 (2013) disponível em:
[http://
revista.fct.unesp.br
/index.php
/revistacidades/article/view/3232](http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3232) 2013

MERLEAU-PONTY, Fenomenologia da Percepção. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

NOGUEIRA, Ellen Jackeline Costa. O Cacumbi e a africanidade no Brasil. 2013.

SILVA, Jaime José dos Santos. A dança do Cacumbi: novo olhar sobre as festas afrobrasileiras e as vivências do pós-emancipação em Santa Catarina. 2013.

SMITH, Adam. A mão invisível. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras. 2013.

[1] Compreendemos que o senso de pertencimento abordado por Relph (1976) corresponda a lugaridade; [1] O termo em questão foi traduzido *ipsis litteris* do original, devido a falta de uma tradução geral no Brasil.

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: